1964

CAPÍTULO 1

“Potcha” — era a palavra preferida de meu pai. Ele a dizia várias vezes por dia, muito mais vezes do que eu gostaria de ouvir. Como agora, por exemplo, olhando-me de cima — as sobrancelhas levemente elevadas, os olhos deslizando por cima dos óculos pendurados sobre o nariz.

— Fale direito, Adelgund Beatriz Breitenbach. “Potcha”! Como posso esperar que meus alunos aprendam este idioma se nem minha filha consegue aprender? — falou, ajeitando entre os

braços sobre o cavalo que trotava calmamente, meu irmão mais velho, Wolfram. Sobre os cabelos cor de barro dos dois, um chapéu da mesma cor.

— Sim papai, desculpe-me — eu disse, sabendo que era somente isto que ele esperava ouvir.

— Muito bem — ele respondeu, seguindo pela trilha estreita. Os cascos dos cavalos quebrando o gelo do inverno e espantando alguns pássaros das árvores mais próximas. — Muito bem

— ele disse de novo. — Agora, repete. Em alemão, e depois em português.

— É domingo. — Ouvi a voz rouca de mamãe atrás de mim. De alguma maneira que eu não entendia, ela tinha coragem para enfrentá-lo. Eu me encaixei melhor entre seus braços — o cheiro de alfazema e menta que exalava de seu cabelo, misturado com a água de colônia, intoxicando os meus pulmões.

— Deixe para ensiná-la depois da missa — ela falou. Ele espiou por cima do ombro.

— O que você espera que estas crianças se tornem, se as protege o tempo todo, Dona Lúcia?

Sabia que minha mãe tinha a resposta, “não as protejo”, na ponta da língua. Senti até seu corpo enrijecer atrás de mim, mas ela não respondeu. Discutir com meu pai sobre alguma coisa, qualquer

coisa, era inútil.

— Não quer dizer que ele não esteja certo — ela sussurrou ao meu ouvido. — Você deveria se esforçar mais para aprender o português.

— Mas ele também não sabe falar direito — resmunguei baixinho. “Potcha”, um resquício da língua alemã que ficara como um cacoete em seu vocabulário, machucando meus ouvidos.

Fechei os meus olhos quando um pequeno raio de sol cruzou as nuvens e banhou meu rosto. Depois puxei o gorro sobre minha cabeça e depositei minhas mãos sobre as mãos de minha mãe que seguravam as rédeas do cavalo firmemente, a pele quente de suas mãos me aquecendo, dando ainda mais a certeza de proteção.

Porque ela nos protegia. Sempre! Ela era nossa fortaleza. E eram nesta fortaleza que me aconchegava agora ao seguir para a igreja. Nosso compromisso de todo domingo.

Aliás, o compromisso de domingo de todos que eu conhecia. Meus colegas de escola e suas famílias. Todos se reuniam ali. Cada um exibindo seus melhores trajes. Até mamãe colocara o casaco azul que realçava seus olhos, e permitira que eu vestisse um vestido vermelho. Na verdade, meio casaco, meio vestido com seus botões dourados e seus bolsos fundos e quentes.

Ouvi meu pai resmungar alguma coisa e tornei meu olhar para ele. Seus ombros largos e seu perfil corpulento quase escondiam meu irmão, que puxava freneticamente os punhos de seu terno cinza-claro. Minha mãe dizia que ele estava “escapando do casaco” ao ver os punhos já subindo pelo braço; sinal de que logo, logo teria que confeccionar outro.

A batida do sino ecoando longe nos fez apressar o passo. A estreita estrada ficando para trás, e a cruz da velha igreja de madeira já despontando lá no alto, em meio ao nevoeiro da manhã.

Ao lado da igreja, pessoas enfileiradas esperavam para lavar os pés recobertos de barro em uma pequena bacia torta e prateada com água gelada. Eu me arrepiei, imaginando ter que tocar naquele gelo, e agradeci os sapatos e o casaco que no último ano herdara de meu irmão. “Tempos difíceis”,eu ouvira meu pai falar várias vezes, e tentava entender o porquê de meus vizinhos, fosse inverno ou verão, vinham de pés descalços, e só usavam os sapatos ao entrarem na igreja.

Segui minha mãe em direção à escadaria, e, antes de passar pela porta lateral, vi meu pai amarrar os cavalos embaixo de uma pitangueira — o som melancólico dos cânticos saindo pelas janelas decoradas com vitrais ganhando o ar gelado da manhã de inverno.

Corri meus olhos sobre os bancos repletos de fiéis, e me sentei ao lado da mamãe. Os olhos dela brilhavam. Apesar da pouca idade, sabia o quanto este momento era importante para ela. Religião era o centro da sua vida. E a igreja, algo como uma segunda casa.

Do alto do pequeno altar, o padre falava numa voz arrastada que incomodava meus ouvidos. Uma ladainha repetida toda semana. Entendia português e alemão, mas não conseguia de forma alguma acompanhar a missa ministrada em latim. Impaciente e irritada, cutuquei meu nariz; os olhos alheios das velhas senhoras me olhando com reprovação.

Do outro lado do corredor, meu pai, sentado ao lado de meu irmão, orava. A cabeça dele despontava acima dos outros. Ele mantinha o olhar fixo no padre. Vi seus lábios se mexendo, como se estivesse ajudando-o com a missa. O semblante sério, sinal de que estava preocupado.

Ele e também mamãe, percebi, conhecendo-a como a conhecia. Os ombros, normalmente soltos, mostravam-se tão tensos, que ela mantinha a coluna mais reta que o normal, como se algo a

incomodasse.

Por um segundo, cogitei ser sobre o assunto que a ouvira discutindo com papai noutro dia. Minha mãe parecia estar inconsolável. Pela fresta da porta do quarto por onde não conseguia ver muita coisa, ouvi uma palavra: “mudança”.

Raramente tinha ouvido este tom de voz vindo dela. Mas, junto à palavra “mudança”, vinha uma série de outras. E eu as ouvira muitas vezes.

— Outra vez, Ervino? — ela disse, parando de sovar a massa de pão sobre a pequena mesa de madeira, e esfregou as mãos no avental. — É a terceira vez que isto acontece neste ano. Quando isso vai parar? Quando vai finalmente encontrar um lugar e se estabelecer? Criar raízes?